



O DESPERTAR

Boletim Religioso
da

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

MENSAGEM EPISCOPAL

EVANGELIZAÇÃO EM PROFUNDIDADE

Rev.º Bispo D. Luís Pereira

«EVANGELIZAÇÃO em Profundidade» é o nome porque é designado certo plano evangelizador que em vários países tem dado, aparentemente pelo menos, resultados notáveis, e cuja utilização em Portugal se está agora a estudar.

A Igreja Lusitana tem colaborado com a organização interconfessional que procura promover este tipo de evangelização, embora com as reservas impostas pelas nossas posições eclesiológicas e doutrinais, reservas essas inteiramente respeitadas, aprez-nos registá-lo, pela organização de que falamos.

O fundamento absolutamente válido deste método é o seguinte:

Qualquer campanha de «evangelização em massa», mesmo a melhor organizada, tanto no que se refere a orador e local, como no que diz respeito a publicidade, dá resultados mediocres se ela não tiver na sua base comunidades completamente mobilizadas no sentido da evangelização. Importa portanto antes de mais nada mobilizar

as comunidades cristãs, primeiro a nível local, depois no plano confessional e finalmente no campo nacional. Gaste-se o

o Ciclo Pascal comemorando, no Pentecostes, o início da Campanha Apostólica para a Evangelização do Mundo.

Quem a começa? Uma comunidade completamente mobilizada pelo Espírito Santo, mas que mais tarde tem de ser «mobilizada» noutra sentido, pela perseguição que se segue à morte de Estêvão, e obrigada assim a sair de Jerusalém; diga-se de passagem que se a paz é um fruto do Espírito Santo, Ele não nos deixa «em paz», felizmente, se cuidamos em seguir os Seus impulsos.

Não são necessários estudos profundos sobre a situação religiosa em Portugal para nos darmos conta de que o nosso país é uma terra de missão. São os nossos Irmãos católicos romanos os primeiros a reconhecê-lo a despeito dos 95% que nos censos oficiais se declaram

pertencentes à Comunhão Romana e constantemente vemos referências bem fundamentadas, às largas «manchas» de descristianização do nosso país;



Igreja Catedral de S. Paulo — Lisboa

tempo que for necessário nesta mobilização; sem ela, não vale a pena ir por diante; com ela, já algo de importante se está a fazer no que se refere a evangelização.

Terminámos há poucos dias

(Continua na pág. 14)

ESTE NÚMERO TEM DEZASSEIS PÁGINAS

EDITORIAL

O «Despertar», como boletim religioso da Igreja Lusitana, trata dos assuntos da Igreja com oportunidade objectiva nas preocupações do mundo presente, que na hora actual são o *anseio de comunicação* com as camadas modernas do pensamento, a *necessidade de harmonizar* a nossa linguagem, tornando-a compreensível e evitando «narizes de cera» que caem como água em cesto, o *dever de ouvir* todas as críticas e sugestões, o *mantermo-nos serenos* para não nos desviarmos dos princípios que norteiam a Igreja Lusitana e cujas directrizes, que o tempo só actualiza, nos foram legadas pelos nossos Pais. Este milagre de actualização só é incompreendido por quem desdenha a forma como, dentro das legítimas tradições e dentro dos ensinamentos da história, se procurou a razão lógica e espiritual duma reforma religiosa.

A nossa grei através dos séculos, por movimentos aparentemente esporádicos, mas seguidos por um traço contínuo, mantém no seu subconsciente o sentido nobre de independência mental, substrutura da sua vitalidade e baluarte que as circunstâncias por vezes desfavoráveis não conseguiram vencer.

Esta grei de facto que nos dois ou três séculos anteriores vivia religiosamente sem grandes rasgos de Fé, é abalada no século XIX pelas vozes idealistas de pensadores cristãos tais como Garrett e Herculano. Mas aconteceu que, infelizmente, além de a terem sacudido, não souberam ou não puderam dar-lhe mais.

Os responsáveis pela vida religiosa nacional não responderam favoravelmente; pelo contrário, combateram as ideias liberais religiosas então em franca evolução. É tudo se ia esvaindo num materialismo demolidor, ou num fanatismo sem horizontes.

Surge em 1880 o nosso movimento, pequeno, sim, mas que hoje se mantém firme aos seus princípios católicos e evangélicos, e por isso é ecuménico, estendendo amplamente os seus braços a todos os seus irmãos em Cristo.

O seu ecumenismo encontra-se pois no caminho que nos conduz a Cristo e encontra-se com todos

NOTAS E
COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

«Gil Vicente e a Reforma»

Vem a propósito falar dos que na história de Portugal sentiram em si o espírito de uma renovação religiosa da Igreja. Temos já, bastantes vezes, em notas anteriores, referido à influência que alguns escritores do século XIX e todo o movimento liberal religioso deste século, tiveram na restauração da Igreja Lusitana.

Mas esquecemos muitas vezes os nossos escritores quinhentistas que marcaram na evolução espiritual do conceito da Igreja pelo cunho particular do seu pensamento europeu de cunho renascentista. Um deles foi Gil Vicente (1465-1537) sobre quem Eduardo Moreira, conhecido escritor evangélico que tanto se tem dedicado a assuntos históricos portugueses, ligados com a reforma religiosa, agora se debruça com um pequeno mas brilhante trabalho «Gil Vicente e a Reforma».

A sua tese, depois de citar Lopes Vieira, C. Michaelis e Júlio Dantas, que se referem ao espírito religioso renovador de Gil Vicente, define-a nestas palavras com que conclui este interessante estudo: — «Para quem não quiser ver na Reforma de Quinhentos um grito de revolta, um propósito de separação, uma política de combate pelo combate, uma satisfação grosseira dos instintos bélicos, Gil Vicente é um reformador como Erasmo e outros».

O Prof. Hernani Cidade entende que este oportuno trabalho «constitui uma lição de perfeita serenidade, lucidez de consciência religiosa e moderação de juízo crítico com que o Autor discute a velha pergunta sobre as relações de Gil Vicente com a Reforma Luterana».

os que em Cristo resumem a sua Fé, estejam onde estiverem, venham donde vierem. Com todos estes se reune, com todos estes ora, com todos estes luta pela única Fé dada aos santos.

Só haverá desvio, só o poderíamos encontrar, nos que ficam pelo caminho agarrados aos seus próprios ídolos, entre as grades limitadas do seu pensamento, fechados à largueza do Reino de Deus, ao espírito Católico do Evangelho.

Uso «Imoderado» do Vernáculo!

Quando há tempos, após a reforma litúrgica da Igreja Católica Romana, entrámos num templo em hora de culto, ficámos surpreendidos com a actuação de todo o povo, orando em comum, cantando com entusiasmo, numa identificação consciente com o acto de adoração.

Comovidos, demos graças a Deus por esta metamorfose. O uso do vernáculo e o poderem cantar na sua língua era sem dúvida a razão do milagre. Por encanto, havia desaparecido aquela atitude estática contemplativa do acto litúrgico que à maioria dos assistentes se apresentava como uma sequência de actos mágicos, atrás de uma língua que não compreendia.

Era isto pelo menos a impressão geral.

Quão grande foi pois a nossa estranheza ao ler nos jornais quotidianos da Capital a notícia de que um grupo de intelectuais pedia que se voltasse ao latim, evitando o uso imoderado do vernáculo (sic), e que se limitassem os cânticos litúrgicos (género corais simples que o povo sente e canta descontraído e alegre) em proveito do canto oficial da Igreja (música e letra latina que o povo ouve alheio, sem lhe compreender nem a beleza nem o sentido).

É isto o que quer o tal grupo de intelectuais?

O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DESTINADO AOS
FIÉIS DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Corpo Redactorial:

SAUL DE SOUSA — Redactor principal
JOÃO SOARES DE CARVALHO
DAVID RODRIGUES PEREIRA

Correspondentes:

Porto — A. FERREIRA ARBIOL
Rua do Cativo, 6 — PortoBrasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA
Edifício Pio XII, Apt. 207 — Petrópolis.
Rio de Janeiro

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua
do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de GaiaComposição e impressão: Empresa Técnica de
Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira — Tel. 163NOTA: Toda a permuta deve ser enviada
à Redacção.

Se é isto que desejam, se no fundo não compreendem o valor espiritual duma comunidade identificada, pela linguagem que vive e que sente, com o acto de culto e pretendem levemente voltar a um esplendor ofuscante que poderá dar satisfação ao seu gosto «requintado» ainda que discutível em certos aspectos, então lamentamos o seu egoísmo que faz esquecer as necessidades espirituais duma maioria que se tem a pouco e pouco divorciado da Igreja, por não compreender principalmente o seu ritual. Quão longe está este grupo dos problemas do Concílio Vaticano II, quão distante do «aggiornamento» que o bom Papa João XXIII preconizava. Imoderadas serão as tendências retrógradas deste pretenso intelectualismo. A arte é o belo. E o belo é a perfeição na simplicidade e pureza das almas, e não no esplendor de efeitos que ofuscam os sentidos e que afastam os que têm sede dum real apoio espiritual num culto vibrante de comunhão entre Deus e os homens.

É os pobres turistas?

Como não estivessem lá muito convencidos dos seus argumentos em si, agarraram-se aos turistas, que, em terra estranha, coitados, não podem compreender o português. E o latim? Serão todos eles intelectuais? Não, a maioria não o é. É gente simples que na sua terra já se habituou ao culto em vernáculo, a um culto em comum, vivo, lógico, comunicativo. O que estranhariam era se viessem encontrar aqui um ritual que certamente nas suas terras está posto de parte, pelo menos, no uso dominical. Acresce que em Lisboa há templos católico-romanos em que são usadas a língua francesa e a língua inglesa.

É se não souberes orar ou perderes a tua fé?

Vem a propósito uma história que nos foi contada quando éramos menino e moço, mas de que nunca nos esquecemos, numa marca indelével de que neste mundo o essencial é termos à mão o necessário e não darmos prioridade ao que é secundário, circunstancial.

Um cientista atravessava um rio num barco. E para passar o tempo perguntava ao barqueiro se sabia matemática, biologia, física, etc., etc.. A cada pergunta o pobre homem respondia que não, que ignorava por completo tais coisas. «Pois perdes parte da tua vida» respondia-lhe petulantemente o cientista.

De súbito, num remoinho inesperado, o barco volta-se e ambos caem ao rio. O barqueiro imediatamente começou a nadar, mas o cientista lutava com as águas em perigo de sossobrar. O bar-

queiro notando-o, grita-lhe. «O senhor sabe nadar?» Afliito o outro responde-lhe que não. «Então, perde toda a sua vida».

Conferência de imprensa...

Foi-lhe assim chamada por um dos nossos ministros ao encontro do nosso director com os leitores do «Despertar» numa paróquia da Igreja Lusitana, encontro que sabemos ser seu desejo estendê-lo com prazer manifesto a outras paróquias. Estas trocas de impressões têm por fim avivar nos membros da Igreja Lusitana o interesse pelo trabalho em geral e seus problemas, de que o boletim é apenas agente noticioso e especulador necessário. E estes problemas não têm fronteiras, não podem ser tratados com limites cuidadosos, mas sim com largueza de espírito, numa inteira liberdade de opinião dos que nos dão a honra de colaborarem



Padre Couturier, um dos gigantes do Ecumenismo

conosco. **O jornal não é um tratado, mas uma mesa de debates.**

A ideia de seita está ultrapassada há muito. Há problemas comuns no mundo cristão que preocupam todos os homens. É difícil, em certos terrenos, dizer onde está a terra de ninguém, pois as opiniões se intrincam de tal maneira que tantas vezes nos encontramos com surpresa no campo do «adversário» e ele no nosso.

Se estamos presos (e alguns mal presos) a tradições particulares, que sentimos ser útil manter e por elas lutar, se em nossa consciência estamos convictos do seu valor espiritual e comunitário, todavia essas tradições e esses pontos interpretativos de Fé não devem prejudicar o nosso amor, a nossa união com irmãos doutras confissões, que igualmente, como nós, lutam pelo alargamento do Reino de Deus. **Caminhando para Cristo, todos estamos no caminho da Verdade.**

Foi feito o reparo igualmente de que falta ao nosso boletim estudos bíblicos e devocionais.

Se na verdade se tem procurado a discussão livre de problemas importantes da nossa vida actual e da nossa Fé, não é menos certo que se tem apresentado, sempre que possível, estudos de carácter exegético e homilético. «Est modus in rebus».

Finalmente é agradável saber que o boletim é lido, sublinhado, discutido, apreciado e combatido. Mas é isto o que se pretende. Naturalmente combate-se aquilo que parece estar errado. E quantos argumentos temos de estudar, quanto temos de aprender, quanto devemos de meditar para afirmar com mais convicção o que pensamos estar certo ou para modificar o que em nós tem de ser corrigido.

Ajudemos pois todos aqueles que estão encarregados deste boletim, com as nossas sugestões, com as nossas ideias, com os nossos reparos, com o nosso apoio e com a **nossa bolsa**. O que impede que ele saia mais vezes é o déficit que se vai amontoando com cada número que se publica.

Se dermos ao boletim um apoio eficaz e se, na realidade, a Igreja Lusitana necessita dele, o «Despertar» continuará visitando-vos cada vez com mais frequência e sempre melhorado, no desejo único de servir os seus leitores.

A Reforma, factor constante da Igreja!

O movimento da Reforma Religiosa do século XVI é em si um episódio da Igreja, ainda que extraordinário pelas directrizes que imprimiu à sociedade cristã. Foram lançadas raízes indestrutíveis que dinamizaram os povos e lhe deram a consciência da Igreja, a concepção universal do Evangelho, a renovação da forma comunitária do culto. E essas raízes assentavam na fidelidade à Palavra de Deus e no anseio de se guiarem pelas comunidades cristãs primitivas e pelos primeiros concílios ecuménicos.

Não foi portanto um movimento estático, auto-satisfeito por ter encontrado definitivamente a doutrina e a forma da Igreja. Nada de mais errado e absurdo. Ao contrário. As bases em que este movimento se firmou, libertaram o homem do restringimento, das peias, das cidadelas em que se isolara espiritualmente, valorizando as suas forças anímicas, fazendo-o voltar para planos superiores do pensamento cristão e dando-lhe possibilidades de aprofundamento da doutrina e da ordem da Igreja.

E estas possibilidades, e esta valorização espiritual são eternas no homem, cada vez que ele se firma na palavra de

(Continua na pág. 12)

Antologia Devocional

A primeira qualidade, que mostra serem vãs as coisas deste mundo, é a sua **pequenez**, ou limitação. Toda a criatura recebeu de Deus um ser pequeno e limitado e, como só tem bondade enquanto tem ser, pequena e limitada é também a sua bondade. Limitada é a vida do homem, limitada a sua ciência e poder, a sua honra, fama, glória e tudo o que neste mundo possui ou deseja.

Parecem-nos grandes as coisas da terra, porque as temos diante dos olhos e entre as mãos, quando por isso mesmo que nos cabem nas mãos, e estão ao alcance dos nossos olhos, as devíamos julgar pequenas!

A segunda qualidade é a sua **vileza**.

Podiam os gostos deste mundo ser pequenos e contudo ser preciosos, como o diamante, pequeno na quantidade e grande no valor; não acontece porém assim, porque à pequenez ajuntam a baixeza. Por isso disse S. Bernardo, falando com os mundanos:

Amas o ouro e a prata? Sabes o que amas? Uma porção de terra branca e amarela. Amas a púrpura, a seda, as pérolas? Sabes o que amas? Excrementos de peixes e bichos. Amas a mesa abundante e regalada? Sabes o que amas? Cadáveres de animais, que se apascentaram talvez no lodo...

P. Manuel Bernardes (1644 — 1710)

TRÊS COMBATES

O DESESPERO eu combati, ousado —
Era um dos grandes inimigos meus!
Cedeu! Lá vai em fuga derrotado!
E seu lugar ficou bem ocupado
Pela ESPERANÇA — galardão de Deus.

Depois, um dia, a DÚVIDA, inimigo
Que toda a terra busca enegrecer,
Veio também medir forças comigo!
No coração me entrou; e, num tal p'rgo,
Que havia eu, pobrezinho, de fazer?

Do Espírito a espada, enfim tomei.
Oh maravilha! A FÉ, ei-la a meu lado!
Com tal coragem desde então lutei,
Que para sempre a DÚVIDA matei.
O nome do Senhor seja louvado!

Vem a seguir o ÓDIO, mais a INVEJA —
São eles inimigos de aterrar!
Contra esta companhia malfazeja
Arma terrena, por melhor que seja,
Breve se embota. Então prostrei-me a orar.

Orei! orei! E logo vencedor
Dos feros inimigos me sentia,
Pois em minha alma já reinava o AMOR,
E, ao mando onnipotente do Senhor,
O truculento par de mim fugia!

Pr José A. Fernandes (1872 — 1941)

Cónego Augusto Nogueira

Faleceu, em 3 de Março deste ano, o venerando cónego Augusto Nogueira, Pároco jubilado da Igreja do Salvador do Mundo, Vila Nova de Gaia e que era o decano dos presbíteros da Igreja. Completaria 95 anos no passado dia 10 de Junho.

Natural de Sebolêdo, concelho de Penafiel, frequentou um seminário católico-romano. Quase no fim do seu curso, sentiu-se vocacionado para outra compreensão das Verdades do Evangelho. Pouco antes de receber as ordens maiores ingressou na nossa Igreja, onde foi instituído diácono em 1916 e



Cónego Augusto Nogueira

ordenado presbítero em 1924, sendo colado na Paróquia do Salvador do Mundo, então restaurada. Em 1960 foi nomeado cónego da Catedral de S. Paulo.

Pouco depois da sua adesão à Igreja Lusitana foi convidado pelo rev. Diogo Cassels para o magistério nas escolas que este fundara, onde colaborou com ele, não só nas aulas diurnas, em que milhares foram preparados para a vida, mas também em cursos nocturnos, para melhor preparação profissional de empregados de comércio.

Digno e fiel colaborador de Diogo Cassels, tanto nas escolas como no Ministério Sagrado, dele herdou o zelo de servir que tão bem o caracterizava. Continuador da obra

(Continua na pág. 12)

«Envias o Teu Espírito e são criados, e assim renovas a face da Terra» (Sal. 104. 30).

A vida é algo imperceptível. Escapa a todos os meios de observação científica. Não pode ser avaliada, pesada e medida em qualquer proveta ou retorta de laboratório. Nenhum cientista, mesmo um biólogo, tem sido capaz, até hoje, de nos dizer propriamente o que é a vida e qual a sua origem. O homem pode criar tudo, menos a vida. E isto pela simples razão de que ela está escondida em Deus.

A palavra hebraica *ruach*, encontra-se vertida em nossas Bíblias por «vento», «sopro», «espírito», etc. Significa também, em algumas passagens, espírito vital *anima, psuché*; e em outras passagens significa ainda princípio espiritual ou alma racional *animus, pneuma* (sede das sensações e das emoções). Em se tratando do Espírito de Deus é, além disso, o poder que cria, sustenta e preserva a vida. O Espírito de Deus, também chamado Espírito Santo, aparece ainda como energia e inteligência divinas, dinamizando, animando, inspirando os homens, através de toda a história da Humanidade. Mas o Espírito Santo não é mera emanção e influência divinas; é algo mais: Ele é o próprio Deus, que, na união da Trindade Santíssima, juntamente com o Pai e o Filho, é adorado e glorificado.

Do que se encontra revelado nas Escrituras e exarado nos Credos, acerca da Pessoa do Espírito Santo, destacaremos apenas e resumidamente alguns pontos, que se encontram relacionados com o tema que nos propusemos tratar.

I — O Espírito Santo — origem da vida

Deus é apontado nas Escrituras como origem da vida. Ainda quando o Mundo se encontrava em formação, refere o Livro de Génésis, em estilo poético mas bastante real, que «o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas». Por outras palavras, Ele presidia à evolução da vida, que por Sua vontade criadora d'Ele imanava (João 1. 1-14).

No Credo Niceno—Constantinoplo, confessamos o Espírito

Santo «Senhor e Doador da Vida». E isto para significar que, embora as Pessoas da Trindade, distintas entre si, sejam iguais em poder e glória, é ao Espírito Santo que cumpre a missão de nos comunicar a vida procedente da Santíssima Trindade. A vida, portanto, seja qual for o ângulo por onde a encaremos, seja de que espécie for, é-nos concedida pelo Espírito Santo. Assim, tanto a vida física, tal como nos é revelada na criação dos Mundos (Heb. 11. 3), e na Encarnação de Cristo (Luc. 1. 35; I João 1. 2); como a vida afectiva e religiosa, expressa nos ministérios dos servos de Deus de todas as idades (II Ped. 1. 21; I Cor. 12. 6-11); assim como também a vida salvífica, (vivificante e santificante) da Igreja (Rom. 8. 14-17; Efés. 2. 1, 5, 6; Gál. 5. 22-25)—toda esta multiformidade de vida é obra do Espírito Santo.

II — O Espírito Santo — Comunicador da vida

Se bem que toda a Vida, como

em ordem à santificação dos homens. No entanto deve ser esclarecido que Deus pode usar, e muitas vezes o tem feito, outros meios para consecução dos Seus fins de salvação e santificação da Humanidade, meios que, embora não sejam os normais, são contudo meios extraordinários, meios que Deus usa para trazer à *vida da graça* pessoas que, de um modo ou de outro, vivem na periferia da vida eclesial. Do mesmo modo que, quando Deus opera milagres, não quebra nenhuma das leis físicas por Ele mesmo estabelecidas, assim também como o Senhor pode comunicar a *vida da graça* usando meios que nos pareçam estranhos e irregulares. A Soberania de Deus não é só doutrina para exercitar a dialéctica dos teólogos, mas antes a crença de que Deus é Senhor da Igreja e do próprio Mundo.

Por outro lado, o facto d'Ele poder chegar ao coração do homem por quaisquer caminhos, não implica ou não autoriza, nem sequer encoraja, que desprezemos os meios que Ele mesmo ordenou e de que ordinariamente se serve. Ora os meios de que Deus ordinariamente se serve para infundir em nós a *Nova Vida (vida da graça, a vida*

santificante) são, de modo especial, os Sacramentos e, portanto, quanto possa ser tido como sacramental, nomeadamente: leitura da Bíblia, pregação do Evangelho, oração, etc. Em ordem à vida sobrenatural da graça, considerada não apenas a título individual mas comunitário, há pois que atender aos ministérios: profético, litúrgico e pastoral que, na Comunhão do Corpo de Cristo, a Igreja, promovem a nossa edificação e crescimento em graça.

III — O Espírito Santo — Preservador e Renovador da vida

A *vida da graça*, como temos observado, pode ser-nos comunicada de muitas maneiras, sendo o principal veículo os Sacramentos. Se bem que Deus não restrinja a Sua acção salvadora e santificadora, como já notámos, a estes meios, todavia Deus os usa como sinais eficazes da Sua graça para

(Continua na pág. 13)

Espírito de Vida e de Renovação

Rev. Saul de Sousa

temos notado, tem a sua fonte em Deus, no entanto há que distinguir entre a vida de modo geral e a *vida da graça*. Esta, considerada separadamente, necessita de ser explicitada, a fim de que bem possamos situar-nos no plano de Deus a nosso respeito e assim nos tornemos conscientes dos meios de que Ele ordinariamente se serve para no-la comunicar. Antes de prosseguir, deveríamos perguntar: que se compreende por *vida da graça*? — É a vida sobrenatural, ou seja, a vida humana vivida num plano superior, norteadada por valores normativos, eternos, à ordem do Espírito; por outras palavras: a vida do Espírito Santo em nós (Gál. 5. 25; Gál. 2. 20; Fil. 1. 21).

Certamente Deus usa meios, que Ele mesmo escolheu e sancionou, para atingir o coração dos homens para infundir neles a *vida da graça*, digamos, meios que as Escrituras prescrevem e a Igreja usa em obediência ao seu Senhor,

O papel do leigo nas Igrejas Reformadas

Dr Leopoldo de Figueiredo

Num dos grupos ecuménicos que se juntam em Lisboa para dialogar sobre os assuntos da actividade do mundo cristão, o nosso director, dr Leopoldo de Figueiredo, foi convidado a falar sobre o conceito do apostolado dos leigos nas Igrejas Reformadas, isto é, acerca da concepção do valor, do sentido de actuação, das responsabilidades dos membros das Igrejas que não fazem parte do clero, que não pertencem ao quadro dos membros da Igreja que são ordenados pastores, ministros, etc.

O dr Leopoldo de Figueiredo é leigo activo da Igreja desde a sua mocidade e como tal tem sido pregador licenciado, membro do Sínodo da Igreja Lusitana e secretário desta para as relações ecuménicas, jornalista, mestre de capela (tem dirigido vários coros e é compositor de muitos corais e da música litúrgica de matinas, vésperas e serviço eucarístico em uso na Igreja Lusitana) e administrador de bens da Igreja a

Abstendo-me quanto possível de procurar confrontos, vou falar-vos tão somente da concepção do leigo nas Igrejas Reformadas, como ela tem sido desde a minha juventude, sem me preocupar com contrastes que se desvaneceram, se confundem ou tendem a desaparecer. Todos estamos neste momento histórico a sofrer uma evolução tão grande, a aprender tanto uns dos outros, que não é de estranhar que os problemas se confundam e se entrelacem.

A Reforma religiosa do século XVI apareceu aos olhos dos leigos como a sua emancipação. Por isto a repercussão que teve nas massas foi enorme. Deu-lhe assim a forma explosiva, o poder de expansão, a força de penetração não só entre os crentes simples, incapazes de compreender os pontos teológicos, como também entre os membros da burguesia ou entre os indivíduos de maior cultura e condição social.

De facto, comungar nas duas espécies (fazendo-os partilhar com o clero duma regalia), ler a Bíblia em vernáculo com liberdade de livre-exame, isto é, de discutir, de interpretar a Palavra de Deus, sem interferência absoluta de terceiros, o cantar na sua própria língua e numa música que lhe era familiar, tudo isto no seu conjunto satisfazia as suas naturais aspirações de povo de Deus.

O sentido democrático da doutrina de Cristo esteve sempre pertinente no Evangelho. «Todos vós sois irmãos». «Aquele que se julga superior, seja como o que serve». «Os últimos serão os primeiros». «Quem se exalta será humilhado». Estas

que perlece. Como representante das Igrejas Evangélicas Portuguesas esteve presente em vários congressos internacionais de Helsinquia, Amsterdão, Birmingham, Leysin, etc..

Nesta palestra, referindo-se ao que se pensa na Igreja Católica Romana sobre os leigos, afirmou que a diferença que anteriormente existia estava reduzida a muito pouco e tanto que era difícil, nas suas próprias palavras, delimitar a «terra de ninguém». E mais. Que em certos pontos, quem estava na vanguarda eram eles e não nós, os protestantes, citando os padres que se fizeram como leigos entre os operários para contactar com eles de mais perto num acto de renúncia e de abnegação dos seus próprios interesses.

Afirmou que não pretendia expôr com rigor teológico a posição exacta do leigo em todas as Igrejas Reformadas. Todavia a sua vasta experiência permitia que algo pudesse elucidar de prático e actual sobre o assunto. N. R.

e outras máximas são sínteses maravilhosas que não deixam dúvidas sobre o objectivo da doutrina do Evangelho, condenando a falta de amor e o orgulho injustificado que faz separar os homens em castas, em classes sociais desniveladas e humilhantes, vexando homens em proveito de outros homens.

A Igreja dos primeiros séculos chamou-se a si mesma Católica, porque não distinguindo os homens de qualquer condição, de qualquer raça ou de qualquer lugar da Terra, dirigia-se assim na mensagem de Cristo. «Vinde a mim, todos», todos os que aspiram a ser o povo eleito, todos os que Deus criou e que Deus ama.

É nesta doutrina, no contexto do Novo Testamento, que a Reforma afirmou de novo o sentido do sacerdócio universal de que nos fala S. Pedro na sua 1.ª Epístola. «Todos vós sois sacerdócio santo para oferecer sacrifícios espirituais a Deus» (I S. Pedro 2. 15). Quer dizer, o antigo sacerdotalismo do Velho Testamento existe em potência em todos os que foram baptizados e renunciaram ao diabo e à carne, entregando-se a Deus em holocausto santo.

Os leigos no alvorecer da Reforma

Os leigos da Reforma, ao princípio, no significado desta doutrina em conjunto, sentiram-se eles próprios também clero. O artesão, o camponês possuía a sua Bíblia e podia reunir-se com os seus companheiros em assembleias privadas para lhes explicar a Palavra de Deus e orarem juntos, assembleias que se multiplicaram com rapidez, numa expansão encantadora e maravilhosa de Fé. Mas este começo,

porém sem estrutura, cedo redundaria em anarquia geral se não se tivesse organizado a Igreja Reformada com ministros formados nas Universidades e ordenados.

O clero na doutrina da Reforma

Afinal de contas, o clero, os ministros consagrados dentro duma ordem eclesíastica eram sem dúvida alguma necessários. E isto nunca foi negado pelos Reformadores.

Simplemente o que foi reduzida foi a hierarquia sacerdotal em favor duma igualdade sacerdotal. Mas a hierarquia de autoridade na estrutura da Igreja, na tríplice ordem da Igreja do Novo Testamento de bispo, presbítero e diácono, foi mantida de uma forma ou de outra, por vezes com variantes de nomes, nas Igrejas Reformadas.

O que muitas delas não aceitaram foi a importância, o rigor da sucessão apostólica considerado como o «esse» da Igreja. Mesmo naqueles que a aceitam muitos se inclinam simplesmente para o conceito da sucessão apostólica como um «bene esse» da Igreja.

O clero é pois constituído pelos leigos que a comunidade indica segundo a vocação de cada um para a administração dos Sacramentos, para ensinamento, para conselhos e ordem, para guias espirituais. A hierarquia da Igreja numa ordenação apostólica confere-lhes a autoridade, sem a qual a sua missão especial se anularia.

O binómio portanto — «clérigo-leigo» — mantém-se, mas perdeu o sentido separativo, a distância de antes da Reforma e depois do Concílio de Trento. Tanto o clérigo como o leigo ficaram pois envolvidos nas responsabilidades da Igreja, fazendo ambos parte de todo o Povo de Deus.

O Povo de Deus

Na concepção protestante a Igreja é composta pelo conjunto dos que aceitaram Cristo como seu Salvador, isto é, pelo povo de Deus (1). Este foi o nome usado no Velho Testamento para designar o povo de Israel escolhido por Deus e separado dos gentios, dos pagãos. Mas no Novo Testamento este nome não é exclusivo ao povo de Israel — «Nem em Israel vi tamanha fé», disse Cristo à mulher siri-fénicia — nem tão pouco a qualquer distinta comunidade, mas a todos os homens de boa vontade que no tempo e no espaço se confessam pecadores e se convertem a Deus. É a ideia do povo escatológico que Deus aceita como Seu para herdar com Cristo a Vida Eterna (I João 1. 1-3).

O Leigo

O leigo portanto tem responsabilidades e não é parte passiva na Igreja. Está integrado nela e nela tem as suas funções.

(1) — Em grego «Laós», donde deriva a palavra leigo.

Coopera com o clero na expansão do Reino de Deus, na pregação do Evangelho. Lê a Palavra de Deus, estuda-a e procura aprofundá-la. Os problemas teológicos não lhe são estranhos, como também os problemas de fé e ordem. Certamente compreende a hierarquia do clero, e sabe respeitar a missão divina dos que ele próprio, reconhecendo-lhes a vocação divina, os indica para serem ordenados e assim os seus guias espirituais.

Participação nos órgãos directivos

O leigo tem assento no Sínodo com voto deliberativo e assim faz parte do governo da Igreja. Discute todos os assuntos quer de natureza teológica ou litúrgica, quer disciplinar ou administrativa. Nas comissões executivas chega a ter cargos de responsabilidade, mesmo nas Igrejas mais conservadoras. O que vos fala é secretário do Sínodo da sua Igreja para as relações ecuménicas. Em proporções ínfimas na relação ao que para a Igreja Católica Romana constitui o gigante ecuménico que é o Cardeal Bea. Mas o exemplo só vale porque eu apenas sou leigo.

Cooperação no Ministério da Palavra

Na maioria das denominações protestantes o leigo poderá com autorização especial, ler a liturgia em cultos de matinas ou vésperas, ministrar a Palavra, dirigir estudos bíblicos e até coadjuvar ou dirigir paróquias na falta do clero. Na Igreja Presbiteriana certos leigos escolhidos têm até o nome de presbíteros, presbíteros regentes, em contraste com os presbíteros docentes, que são propriamente o clero, com quem se reúnem em consistório.

Ação educativa e missionária

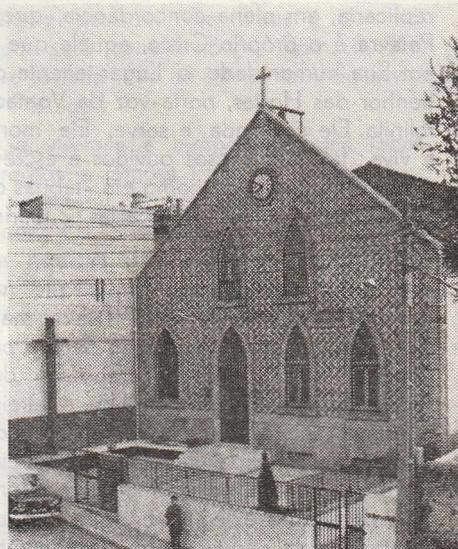
O leigo tem papel preponderante na educação da criança, na educação da juventude, na educação da mulher, preparando-a para a família e para as suas funções de Mãe. No contacto com o Mundo, no convívio com os descrentes e incrédulos, os leigos além de pertencerem ao povo separado, são ao mesmo tempo enviados ao mundo na sua dupla dimensão. Eles constituem o exemplo vivo, o testemunho da Fé, a Igreja em marcha, actuando, amando, servindo. Eles vêm da igreja para a Igreja, da paróquia para a Paróquia. Em França, certo clero católico-romano fez-se operário para poder estar mais perto dos seus irmãos proletários que viviam longe de Deus, revoltados contra a Igreja. Obra maravilhosa, heróica, que nos enche de admiração. Mas eles estavam ali no papel de leigos. Faziam o que deveriam fazer os leigos, se estes tivessem sido consciencializados, orientados.

Os leigos são portanto a ligação da Paróquia com o Mundo em redor. Os clérigos estão absorvidos

pelas suas funções especiais e não podem contactar com a grande massa que por vezes lhe é adversa. Só o poderão fazer camuflados, e nisto está o ponto fraco dos padres-operários que pode explicar-se todavia na falta de leigos iniciados.

Os leigos mostrando-se abertamente cristãos nas fábricas, nas minas, no campo, no desporto, na política, na vida pública, etc., poderão no dia a dia do seu trabalho, pregar os melhores sermões que jamais foram proferidos no púlpito das igrejas. Os leigos são na verdade a tropa de choque da paróquia.

Os leigos são testemunhas da presença de Cristo. Vós sois o sal da Terra (S. Mateus 5. 13). É através do povo de Deus que Cristo se manifesta ao Mundo. E o Mundo neles glorifica a Deus (I S. Pedro 2. 12)



Igreja do Salvador do Mundo — Prado

Os leigos são mensageiros da Igreja entre o mundo agnóstico e ateu. Os leigos possuem a teologia prática das realidades deste Mundo. Perante as dificuldades da vida, perante a luta encarnçada, desanimadora pela sobrevivência, eles, melhor do que ninguém, poderão compreender a situação do homem desesperado.

Finalmente, os leigos são os cooperadores do clero dentro da paróquia. Em todo o trabalho paróquial, os leigos poderão cooperar com o clero. Nas funções administrativas, educativas, artísticas, etc., devem-se aproveitar assim os dons de cada um. Os arquitectos, os músicos, etc., membros da paróquia, podem fazer trabalho que outros por muito melhores que sejam, mas alheios, não conseguem realizar.

Educação dos leigos

O leigo necessita de ser educado para melhor desempenho das suas funções na Igreja. Temos no Seminário Evangélico de

Teologia, em Carcavelos, por exemplo, cursos para iniciação dos leigos em certos misteres como professores das escolas dominicais, de aulas bíblicas, como missionários, etc.. Realizamos por vezes reuniões, congressos, conferências, onde trabalhos, teses, etc., são apresentados indistintamente por clérigos e leigos. Há também grupos por profissões que procuram resolver cristãmente os seus problemas.

A mulher na Igreja

Temos falado nos leigos abrangendo homens e mulheres. Mas todos sabemos que na história da Igreja, mesmo depois da Reforma, se tem feito certas restrições à mulher. Últimamente no meio protestante, essas restrições têm diminuído ao ponto de algumas das Igrejas Reformadas admitirem mulheres ao ministério ordenado. Em outras Igrejas, ainda que não aceitem pastores femininos, abrem-se-lhes as portas ao ministério da palavra, e a coadjutores-leigos de paróquias.

É esta uma questão delicada que tem trazido certas dificuldades às relações, neste sentido, com a Igreja Católica Romana. A experiência mostrará no futuro quais as vantagens e necessidades de usar, numa maior amplitude, a mulher no serviço da Igreja. Por mim, penso que só haverá vantagens. Mas é uma opinião pessoal.

Erros numa actuação dos leigos

Se se fez desde a Reforma uma evolução no sentido de o leigo participar cada vez mais nas responsabilidades da Igreja, o facto é que ainda por vezes ele sente uma inclinação natural a tomar um papel passivo, sem responsabilidades. A base deste mal está certamente no comodismo do homem e no enfraquecimento duma doutrina.

Uma das coisas, porém, que pode ter tido certa influência, é a força persuasiva duma terminologia que a semântica tornou anacrónica pelo desvio do seu sentido primitivo. Está incluído o próprio termo «leigo» que significa presentemente ignorante, simples amador, etc., e as palavras «pastor» e «ovelhas» que pode induzir a uma submissão por parte dos leigos ou a um poder excessivo da parte do clero.

Outro erro é a tendência para o laicismo, verificado em alguns ramos separados das Igrejas Tradicionais da Reforma. Um mal que aparece em contraposição a outro mal, que se pretendia combater, o clericalismo. Os leigos sem considerarem a estrutura histórica da Igreja, baseada no Novo Testamento e na expansão da Igreja primitiva, querem tomar para si toda a responsabilidade da Igreja. Querem ser eles indiscriminadamente os próprios guias, os únicos a interpretar as

Continua na pág. 13)

A Madalena supôs que era do hortelão de José de Arimatéa aquele estranho vulto que nas sombras da madrugada lhe aparecia, quando não esperava ver senão o corpo frio e lívido do Seu grande Amigo.

E afinal, não era hortelão? Recorde-mos o diálogo (S. João 20. 16): «Maria! Raboni!». O curto e terno colóquio da Ressurreição, do jardineiro com a neófita, do Pastor com a ovelhinha, a quem chama pelo nome (S. João 10. 3) diz-nos tudo.

Ali estava Jesus redivivo, Divino Hortelão que passaria quarenta dias em companhia do Seu seminário, alfobre de plantas ainda bem fraquinhas, de que tão carinhosamente havia cuidado. Agora era necessário que partisse em corpo para, pelo Espírito, permanecer em toda a Igreja, em começo de expansão.

A função cria o órgão, dizem-nos os biólogos. A Igreja em função tornava-se organismo crescente, conjunto de órgãos em desenvolvimento pleno.

Seguiram-se os quarenta dias da primeira plantação (voltemos ao anterior símile) findos os quais, entre as folhas viridentes do primitivo labor, foi aparecendo o fruto, fruto por vezes abundante.

«Inter folia fructus» diziam os avós latinos. Surgia a Prima-Vera, primeiro tempo a chegar depois da hibernação. Os rebentos das plantas arbustivas lembravam à Igreja-infante a profecia de Isaías (cap. 11. 1) evocadora do glorioso Messias esperado, que a ela competia continuar: «Brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará». Aí estava oculto o mistério das duas naturezas do Cristo, filho e senhor de David, raiz e rebento, Alfa e Ómega.

A Igreja não tinha, na madrugada da Ressurreição, na primavera dos primeiros encontros, nem durante uma geração inteira teve, outro escrito sacro que não fosse o da Velha Aliança. Mas dessas pagelas do papiro egípcio ou desses rolos do pergaminho de Anatólia, ciosamente conservados, iriam surgindo novos frutos, num Pentecostes de maravilha: frutos humanos de entrega ao Eterno Agricultor, cujo máximo nome é inefável e só se exprime em *ser* (Éxodo 3. 14).

Os filhos da antiga Lei, no respeito pelo Deuterónimo (cap. 16. 9), apresentavam no Templo as primeiras espigas do trigo das suas culturas, na Festa das Semanas, num dia depois de quarenta e nove, a seguir à Páscoa. E eis que no quinquagésimo dia do Sacrifício do Cordeiro de Deus «imolado desde a fundação do mundo» (Apoc. 13. 8), na mente de Aquele que está aquém e além do tempo, três mil se convertiam pelo poder

O PENTECOSTES E

triumfador do Espírito Santo. E as palavras do Filho de Deus, que entre nós vivera e convivera como Filho do Homem, surgiam no espírito e na mente de todos os conquistados, de todos os eleitos: «Publicai o que se vos diz do alto das vossas casas» (S. Mat. 10. 27). Não que se publicassem a si próprios, mas aquilo que Ele lhes comunicara, a fim de ser recebido por quem tivesse «ouvidos de ouvir» (S. Mat. 11. 15, etc.).

S. Paulo diria, antes de escritas as quatro narrativas dos Evangelistas, que «a fé é pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus» (Rom. 10. 17). S. João mais tarde replicaria, em plena concordância, que a Palavra é o próprio Cristo, aquele que é, em Sua humanidade, o Lugar-tenente do Senhor das Hostes, porta-voz da Vontade infinita. Ele comanda e serve, Ele morre e vive; fala aos nossos ouvidos e escreve em nossos corações, como em «tábuas de carne», para sermos Suas cartas (2 Corínt. 3. 3).

A primeira afirmação escrita que nos Evangelhos nos surge é o letreiro mandado colocar sobre a cruz do Senhor por Pôncio Pilatos: «Jesus Nazareno Rei dos Judeus». Papiro ou pergaminho, o letreiro lá estava, sacudido pelo vento, pregado acima da torturada Cabeça, a anunciar em três línguas a realeza mais promissora, mais duradoura e legítima, ainda que incompreendida naquele terrível momento. De facto muitos se riam, bem longe, ai deles!, da profunda significação daqueles dizeres. Nem Pilatos jamais poderia imaginar o valor de aquilo que mandara anunciar e em que orgulhosamente persistiu quando os denunciante recalcitaram: «o que escrevi, escrevi» (S. João 19. 19-23).

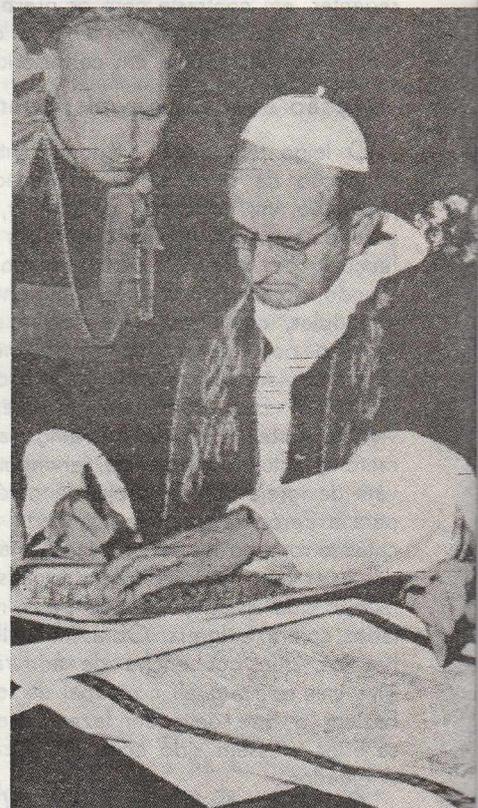
Eram três as línguas ali utilizadas, as que iriam simbolizar, séculos afora, as principais faculdades humanas, com cujo exercício três povos enriqueceram a civilização: o sentimento hebraico, o intelecto grego, a vontade latina. Jesus Cristo será para sempre a sublime resposta dada à consciência íntima, ao raciocínio e à volição dos seres humanos.

Citando o Deuterónimo (cap. 30. 14) diz-nos S. Paulo (Rom. 10. 8): «A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé que pregamos...» Vemos aqui o que é a palavra dos dois Pactos, didacticamente desdobrada. Ora aqueles em cujo coração o Senhor escreveu o Convite, o Mandato, a Promessa, têm, neste século das rotati-

vas Marinóni, da estereotipia, do disco gramofónico, do filme sonoro, da fita magnetofónica, da radiodifusão e da televisão, tantos meios de pregar, de multiplicar e difundir a palavra da fé! Se formos fiéis teremos a sensação de já estar, para além dos nossos sentidos, o anjo do Dia Futuro a percorrer os espaços sobrando o «Evangelho Eterno», isto é, o antigo e o novo, sempre o mesmo em Deus. (Apoc. 14. 6 e Gálat. 1. 6-9).

Por meio do jornal, a folha impressa mais precária mas mais multiplicável, a *Mensagem* torna-se *Notícia*, e essa pode vir a conter de forma aliciente o texto sacro ou a sua exegese, ou a sua aplicação o mais actual que é possível.

O Texto! o tecido humano (texto é tecido, na origem do termo) que por quarenta séculos se construiu com os fios de Deus, quantas lutas, quantos trabalhos representa até chegar ao coração dos homens! Dissera Deus: «se desobedeceres decerto morrerás». Era a ordem, a prova. Disse a serpente: «decerto não morreréis... sereis como Deus». Era a exegese do erro (Gén. 2. 17 e 3. 4). Quantos tecidos há por aí cuja trama ou fio veio de Deus mas cuja urdidura sinuosa e atractiva vem de fonte contrária!



Paulo VI e o Arcebispo da Cantuária assinando o documento que representam a trabalharem juntos.

A FOLHA IMPRESSA

Rev. Cónego Eduardo Moreira

Outros perigos têm assaltado o Texto. Isaías os descreve na sua profecia (29. 11 e 12). Dá-se para leitura o Livro ao que sabe ler, mas esse não pode porque o Livro está selado. Dá-se depois ao que não sabe, mas este malfadado objecta: «não sei ler!». Esses foram dois tristes capítulos duma história tenebrosa de impedimento da santa leitura, que todavia devemos humanamente motivar. Selara-se o Livro devido às heresias que se procuravam basear em passos isolados ou mal compreendidos. Basta argumentar, todavia, que se se pudessem esterilizar todos os seres vivos, em absoluto, eles não resistiriam. Eliminar totalmente um perigo eliminando os meios de luta, é método inadequado, que não resulta. Símbolo dos períodos mais drásticos dessa prática usada com o Livro é a enorme Bíblia acorrentada, nas catedrais da Idade Média; e pior ainda foi a proibição canónica da sua leitura aos leigos em certas épocas e locais, v. g. em Tarragona em 1233-34. No outro extremo, o da insciência, se estadeia a incúria provocada pelas guerras, frias e quentes, ou o egoísmo dos grandes da terra, mantendo a multidão na maior cegueira. A própria palavra oral, quando lhe chegava ao ouvido já vinha

muitas vezes inquinada ou dessorada.

A fé é pelo ouvir; mas o que fala dá a quem o escuta uma credencial nestes termos: «está escrito». É o exemplo do próprio Mestre (S. Mat. 4. 4-10 e paral.)

Santa leitura é essa quando o coração anseia. O cristianismo português, seja de que escola for, deverá honrar a memória do rei D. Duarte, o primogénito da «ínclita geração de altos Infantes», que nos deixou no «Leal Conselheiro» um belo capítulo de incentivo e guia para a leitura da Bíblia, e da seu neto D. João II que mandou gravar no cetro de ouro extraído das areias do Tejo aquela inspirada máxima paulina: «Se Deus é por nós quem será contra nós?» (Rom. 8. 31). Que lástima não se haver tornado divisa de Portugal!

Se viermos a tempos recentes recordaremos a famosa frase de António José de Almeida, acerca da Bíblia: «glória imortal da Humanidade». Deve a Igreja, sua guardiã e transmissora, juntar-lhe estoutra frase, fruto da própria experiência: «dádiva imperecível de Deus».

A Bíblia no seu original é árvore da folha perene. Com características da de folha caduca são as versões, as interpretações, as chaves e concordâncias dos textos, os catecismos e comentários, todos sujeitos à versatilidade humana, à exegese em progresso, como a própria vida que não pára. Mas glorioso labor é o dos tradutores e teólogos, comentadores e revisores. E os pacientes arqueólogos exploradores das Terras Bíblicas, papirologistas e filólogos especializados.

Leiamos, sim... Mas leitor, «como lê tu?» É do Mestre a pergunta (S. Luc. 10. 26). Como leria eu, sózinho, o Livro que a Igreja me entregou em vernáculo, se não acatasse o resultado do perpétuo esforço dela, na actualização das edições pela revisão contínua, visto as línguas, matéria viva, estarem sujeitas às leis da vida, sempre mudável? E o mesmo se dirá com igual motivo, de todo o acervo exegético e de aplicação espiritual.

Vivemos numa época de espantoso movimento do mal, pelo exacerbamento das guerras ou seus rumores (S. Mat. 24. 6 e paral.); da propugnação de licenças individuais sem a consequente responsabilidade, e de autonomias étnicas sem maturidade nem coordenação das forças morais; mas também é época de extraordinárias possibilidades de bem, como de certo modo já ficou enunciado. Será pela palavra testemunhal difundida,

mas principalmente por meio da folha impressa, onde a atenção se prende, mais do que pela imagem e o som («para bem compreender é preciso reflectir e, quando necessário, voltar atrás com o pensamento», escreveu George Duhamel, e Luis Forjaz Trigueiros o reproduziu; e é a folha impressa que melhor nos ajuda na reflexão, acrescentemos). Está enfim quase acabando o diálogo dos surdos em que por tantos séculos nós cristãos, nos temos repetido. E até na nossa terra, distante dos maiores movimentos, a Bíblia agora se está abrindo, o que nos faz recordar, com aplicação jubilosa, palavras de Eça de Queiroz: «Só um livro é capaz de fazer a eternidade dum povo».

Evidentemente o Livro, como o Homem, quer companhia. David os teve, Jesus os chamou, aos companheiros e seguidores. Para a Bíblia preparou a Igreja trabalho de equipa, de que procedem as mil e tantas línguas servidas com o texto bíblico, no todo ou em parte; as cento e tantas servidas com a «Imitação de Cristo», obra-prima medieval, e com a «Peregrinação», de João Bunyan, já quase dos nossos dias.

Dizia há um ano o dr Augusto de Castro, a propósito do centenário de Dante, que este «faz parte de todas as bibliotecas, mas a sua reputação provém sobretudo de que ninguém o lê... Isso se deverá a que o estímulo externo quase não existe. A capa colorida, nem mesmo a crítica editorial, não bastam ao «best-seller», ou seja à venda imensa. Há outros atractivos mais. Há o calor humano. Temo-lo nós? Usamo-lo a favor dos livros que nos ajudam a «abrir a Bíblia»? As poesias de João Whittier e «A Cabana do Pai Tomás» actualizaram; isto é, abriram para nós a Epístola a Filémon, pela execração da escravatura. E muito mais se poderia acrescentar; mas iria longe.

A folha impressa! Agora mesmo leio estas palavras dum professor universitário de S. Paulo, dr Fernando Mendonça: «Aqueles que se debruçam sobre os problemas da literatura sabem que os grandes movimentos inovadores se iniciam geralmente em revistas, em jornais literários... em «folhas» onde, reunidos em grupo, diversos indivíduos de pensamento e objectivos idênticos exibem, num periódico, o ideal do seu «movimento», ou da sua «escola». Muito bem. Isto tem aplicação ao problema religioso, a que não bastam os centos de milhares de folhetos, por vezes atirados para as estradas, como semente destinada a perder-se, pisada pela indiferença quase geral, por ser igual à das toneladas da propaganda do comércio. Nós mesmos já não lhes damos grande valor, devido à saturação. Não custa confessar a verdade.

(Continua na pág. 14)



Documento histórico que compromete as duas Igrejas para a unidade cristã universal

ENCONTRO ENTRE ROMA E CANTUÁRIA

Acontecimento religioso de extraordinária repercussão foi, sem a menor dúvida, a visita do Arcebispo de Cantuária ao Papa Paulo VI. Foram dois dias memoráveis, de entrevistas, conversações e oração em comum.

Esta visita foi a primeira de carácter oficial efectuada por um arcebispo de Cantuária desde o século XIV, quando o Arcebispo Arundel, desterrado de Inglaterra por conflito com o rei Ricardo II, visitou o Papa Bonifácio IX. A visita do Arcebispo Fisher ao Papa João XXIII foi classificada de informal e de mera cortesia.

Acompanharam o Arcebispo Ramsey vários dignitários anglicanos, entre os quais o Bispo Ralph Dean, Secretário Executivo da Comunhão Anglicana, e Bispo de Ripon, Rev.º John Moorman, Delegado Anglicano ao Concílio do Vaticano II e o Cônego John Satterthwaite, que há anos nos visitou na altura das negociações preliminares ao estabelecimento da Concordata de Plena Comunhão entre a Igreja de Inglaterra e a nossa Igreja.

A primeira entrevista dos dois chefes religiosos efectuou-se, com grande solenidade, na Capela Sixtina. O Papa e o

Arcebispo, que ocuparam lugar idêntico, em frente do Altar, presidindo à assembleia, trocaram saudações. Embora assinando as grandes diferenças que ainda separam as duas Comunhões, am-

bos exprimiram a sua alegria, pelo encontro, e manifestaram esperanças optimistas para o futuro.

Consta que, na conversação privada que se efectuou mais tarde, foram abordados vários pontos que dificultam o diálogo entre as duas Igrejas. Parece que um deles foi o dos casamentos mistos. O Arcebispo Ramsey, durante uma conferência de imprensa, afirmou que as recentes mudanças da Igreja Romana, no que a este problema se refere, embora suavizem as exigências «não satisfazem as consciências dos cristãos anglicanos e de outros cristãos não católicos». Ao mesmo tempo disse, que uma leitura cuidadosa da nova regulamentação mostra «que não foi emitida como definitiva».

Merece especial referência a «Celebração da Palavra», ofício litúrgico realizado na Basílica de São Paulo Extra Muros. Este templo foi provavelmente escolhido por estar ligado à coroa inglesa por uma protecção que os reis de Inglaterra lhe concediam. Aliás o Arcebispo chegou em primeiro lugar e como que recebeu o Pontífice Romano no templo.

Seguiu-se o ofício religioso de que traduzimos o seguinte trecho:

«Queridos irmãos, oremos ao Deus de nossos pais, que enviou o Seu Filho unigénito para redimir-nos com Sua Cruz e Ressurreição, para que se digne preservar na Sua Igreja as maravilhas do Seu poder e da Sua misericórdia.

Por todos os que crêem em Cristo para que sejam preservados de todo o mal e tornados perfeitos em Seu amor, oremos ao Senhor.

Para que Sua Santidade o Papa Paulo VI e Sua Graça o Arcebispo Miguel e todos os pastores cristãos sejam servos fiéis do Evangelho de Cristo, oremos ao Senhor.

Por todos aqui presentes, por aqueles que em todo o mundo oram connosco, a fim de que sejamos todos obreiros do amor, da justiça e da paz, oremos ao Senhor.

Por todos que louvam o nome de Cristo, a fim de que se cumpra a palavra do Senhor e a Sua unidade seja perfeita, oremos ao Senhor.

Para que os povos que sofrem guerras obtenham a paz justa e a verdadeira concórdia, oremos ao Senhor.

Por todos os cristãos que sofrem e estão em aflição, por todos aqueles que neces-

quemos: por Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amen.

Segundo alguns informadores, no final do serviço litúrgico, Sua Santidade convidara o Arcebispo a dar a bênção simultaneamente tal como sucedera em Jerusalém quando do encontro com o Patriarca de Constantinopla, mas o Arcebispo não teria percebido.

Durante todas as cerimónias o Papa usou uma cruz peitoral que lhe foi oferecida pelo Arcebispo Ramsey. Ao sair da Basílica de São Paulo Extra Muros, Paulo VI, no que pareceu ser um gesto espontâneo tirou da sua mão um anel de esmeraldas e colocou-o na do Arcebispo. Talvez este gesto marque o começo da reconsideração, por parte de Roma, do problema das ordens anglicanas.

A única nota discordante durante aqueles três dias foi dada por um grupo de 4 clérigos (não anglicanos) e um leigo, que apodaram o Arcebispo de «traidor» e realizaram manifestações em Roma. Sucede que o mesmo grupo havia efectuado manifestações semelhantes durante o Concílio. Tal atitude provocou certa reacção panfletária no nosso país e, facto curioso, igualmente em entidades que não estão em comunhão com a Sé de Cantuária.

COMISSÃO INTER-ECLISIÁSTICA PORTUGUESA

A Comissão Intereclesiástica Portuguesa é um organismo de cooperação, no qual tomam parte representantes das Igrejas

Evangélicas Presbiteriana, Metodista e Lusitana. Tem funções de ligação e coordenação no que respeita à utilização de certos departamentos e serviços relacionados com o Conselho Mundial de Igrejas e possui sub-comissões que tratam de problemas específicos como, por exemplo o da emigração, concessão de empréstimos e criação do Conselho Português de Igrejas Cristãs. Este último é o principal objectivo da C. I. E., o seu grande alvo.

Trata-se duma instituição representativa de início das 3 Igrejas sinodais mas aberta a outras Igrejas que, aceitando os princípios e bases do Conselho, nela desejem igualmente cooperar. O estudo do seu projecto de Constituição, já adiantado, deve ficar concluído, D. V., por todo o corrente ano.

BOLETIM DA COMISSÃO INTERECLISIÁSTICA

A Comissão Intereclesiástica Portuguesa vai editar um boletim que difundirá estudos de carácter ecuménico e noticiário. Quando tal se justifique, sairá com secções em inglês e em francês.

RETIRO ECUMÉNICO

Ministros da Igreja Evangélica Metodis-

Panorama Ecuménico

Dr David Perelra

sitam da misericórdia e do auxílio de Deus e por todos os que buscam a luz de Cristo, oremos ao Senhor.

Às várias petições, a Congregação respondia com a aclamação «Kyrie eleison». (Senhor, tem misericórdia).

No fim desta ladainha de tipo oriental, o Arcebispo recitou a conhecida oração anglicana, também incluída na nossa liturgia:

Ó DEUS, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, nosso único Salvador e Príncipe da Paz: dá-nos graça para que seriamente ponderemos em nossos corações os grandes perigos que a Tua Igreja corre pelas suas desgraçadas desuniões; afasta de nós todo o ódio e prevenção, e tudo o que possa estorvar-nos da santa união e concórdia; e pois que existe só um corpo, um espírito e uma esperança da nossa vocação divina, um único Senhor, uma fé, um baptismo, um só Deus e Pai de nós todos, permite que, de hoje em diante, possamos ter um só coração e uma só alma, unidos em santo laço de verdade, paz, fé e caridade, para que, com um só entendimento e uma só boca, Te glorifi-

Reflexões sobre um retiro

António Ferreira

ta Portuguesa, da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal e da Igreja Lusitana reuniram-se em Macieira de Cambra nos dias 11, 12 e 13 de Abril passado. As primeiras 24 h. foram de retiro rigoroso, caracterizado pelo silêncio. Dirigiu-o o rev. dr Estanislau Langner, que recentemente ingressou na nossa Igreja. As suas 4 palestras, na opinião de distinto clérigo presbiteriano, foram marcadas pela «espiritualidade característica da sua anterior tradição, transmitindo-nos de uma maneira muito harmoniosa a mensagem do Amor de Deus para com a Sua Criação».

O tempo restante foi ocupado pela apresentação de trabalhos pelos rev. Dimas de Almeida (presbiteriano), rev. Albert Aspey (metodista) e pelo Bispo senhor D. Luís Pereira, focando a concepção de «Ministério» para cada uma das diferentes Igrejas. Seguiu-se proveitoso debate.

O LEIGO NAS IGREJAS REFORMADAS

O nosso Director pronunciou no grupo ecuménico de língua inglesa uma conferência subordinada ao título «O Leigo nas Igrejas Reformadas» que noutra local se publica.

Escutado com muito agrado e atenção, as suas palavras motivaram vivo diálogo. Entre outros pontos debateram-se as diferenças entre «clérigo» e «leigo», objectivo e valor do ministério laico, e autoridade para o ministério da palavra nas diferentes confissões religiosas.

PALESTRA POR FREI BENTO DOMINGUES O. P.

Na reunião de Maio do grupo ecuménico de língua portuguesa, na Igreja Presbiteriana da Rua Tomás da Anunciação, Frei Bento pronunciou uma palestra sobre o significado da mediação da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos, na teologia católica romana.

A reunião iniciara-se com a ladainha da unidade, recitada por toda a assembleia, seguindo-se depois a leitura e meditação duma passagem do Evangelho, segundo S. João, Cap. II, vers. 13-25. Elevada assistência, a maior registada até agora, assistiu e tornou parte no diálogo que possibilitou amplo esclarecimento de posições.

PARALITURGIA ECUMÉNICA

Na Igreja Escocesa de Santo André (Presbiteriana) celebrou-se no dia 2 de Junho uma Paraliturgia de intercessão pela unidade dos cristãos. Presidiu o senhor D. Luís Pereira. As lições foram lidas respectivamente por um pastor da Igreja, Unida do Canadá, pelo deão do Seminário Teológico Evangélico de Carcavelos,

Durante os três dias a seguir à Páscoa, reunimo-nos numa Pensão na montanhosa região de Macieira de Cambra — a convidar para o recolhimento mais perto de Deus no encanto das suas altivas paisagens — duas dezenas de pastores metodistas e presbiterianos e vários ministros da Igreja Lusitana, acompanhando o nosso bispo D. Luís César Pereira. O carácter profundamente ecuménico deste encontro extremamente fraterno e amigo, reflectia-se imediatamente na oração comum de manhã, ao meio dia e à noite, presidida em turnos por membros das três Igrejas presentes.

As meditações e as conferências deste retiro espiritual orientadas para um encontro mais íntimo com o Senhor — na fé vivida no apostolado — iam-nos revelando também a misteriosa presença de Cristo entre os irmãos reunidos em Seu nome. Sentia-se uma atmosfera de paz, de harmonia, de carinho, mesmo a agradável surpresa de descobrir, na espiritualidade de outras Igrejas, aspectos novos e fascinantes do Evangelho. — Aliás não tem o Pai de família bastantes tesouros de Revelação para os entregar aos Seus filhos? Uma mais acentuada insistência sobre algum ponto da revelação, em vez de constituir um motivo de escândalo ou de separação entre os irmãos, mais os havia de estreitar ao Senhor, que se revela tão misteriosamente nos infinitos aspectos do Cristianismo.

Foi pena que não tenhamos celebrado a Eucaristia — as diferenças

teológicas entre as Igrejas não permitiam ainda a Comunhão sacramental com Cristo, Ele que já nos abraçava a todos no Seu amor. Este passo à frente, muito importante no ecumenismo, há-de se dar. Ainda recentemente, aceitando o convite do cardeal Quintero, arcebispo de Caracas, na Venezuela, os ucranianos ortodoxos comungaram durante a missa celebrada na inauguração de uma paróquia para os emigrantes ucranianos católicos. É verdade que as posições dogmáticas da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa sobre a Eucaristia praticamente coincidem, mas importa que o trabalho dos teólogos apresse em toda a parte a reunião de cristãos junto da Mesa do Senhor.

O último dia do retiro foi consagrado à exposição do conceito de sacerdócio nas igrejas Presbiteriana, Metodista e Lusitana, seguida de discussão teológica. O tema referente à Igreja Lusitana, desenvolvido pelo nosso bispo D. Luís, ia-se aproximando fundamentalmente das teses tradicionais das Igrejas Romana e Ortodoxa, insistindo sobre a sucessão apostólica dos bispos e a ordenação dos sacerdotes na Igreja Lusitana.

Do interessante colóquio que se seguiu sobre este tema de tanta magnitude para as estruturas das Igrejas, recordo com emoção uma admirável afirmação de espírito ecuménico do rev. Albert Aspey, superintendente da Igreja Metodista em Portugal: «Se para a união das Igrejas for necessário que eu venha a receber a ordenação das mãos de um bispo com a sucessão apostólica, estaria pronto a aceitá-la».

Ao despedirmo-nos sentíamos pena que estes dias do retiro, tivessem sido tão breves. Os votos formulados de nos encontrarmos de novo em reuniões de oração e de estudo, sinalizavam insistentemente a abertura dos corações para um mais largo diálogo ecuménico.

e por um professor do Seminário dos Inglesinhos. As intercessões foram dirigidas pelo rev. Tyson, pastor daquela Congregação. Pregou eloquente homilia o rev. dr Williams, do Seminário dos Inglesinhos. Na assistência via-se o senhor Embaixador da Grã-Bretanha sir Archibald Ross.

David Pereira

O conceito teológico do sacramento eucarístico tem sido até certo ponto razão de divergências entre as Igrejas Reformadas. Nem todos o realizam da mesma forma, nem todos com a mesma frequência, esquecendo o uso da Igreja primitiva que o fazia todos os domingos. Que saibamos, só a comunhão anglicana e os chamados «irmãos» (os dois extremos na estrutura eclesial das Igrejas Reformadas) o administram dominicalmente. Também, apesar da Mesa do Senhor ser do Senhor e não desta ou daquela Igreja, ainda há denominações protestantes que a negam a seus irmãos.

Procurando assistir a um culto eucarístico na Igreja Romana, numa das paróquias mais comunitárias de Lisboa, onde sopra um verdadeiro espírito de consagração e vivificação, com uma congregação viva, cantando em unísono louvores a Deus e respondendo com entusiasmo e fé aos responsos na liturgia, pude verificar a multidão de fiéis que se aproximava da teia para comungar, e senti que ainda o povo de Deus estivesse separado no sacramento máximo que Cristo instituiu.

A diversidade no conceito da Eucaristia

Paulo Agostinho

A comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial, reuniu-se em Grandchamp, Suíça, em Julho do ano transacto, para estudar o conceito da Eucaristia.

(1) «A conferência de Fé e Ordem realizada em Lund, em 1952, solicitara já às Igrejas que reexaminassem a sua concepção da Eucaristia à luz da oração de Cristo em prol da unidade.

Uma nova conferência, em Aarhus, em 1964, verificou que a maior parte dos membros do Conselho Mundial não havia procedido a tal exame e que pouco se havia progredido no assunto. Foi então resolvido focalizar o problema para estudo especial, em Grandchamp, por uma comissão da qual fizeram parte anglicanos, luteranos, ortodoxos e presbiterianos, sendo quatro membros de cada confissão mais um elemento da Igreja de Cristo no Japão, dos metodistas e alguns funcionários do Conselho Mundial de Genebra. Como esta comissão de estudos não era uma entidade deliberativa, dela puderam fazer parte também três católicos romanos, os quais prestaram valiosa colaboração.

O estudo versou sobre seis principais tópicos: A Ceia do Senhor 1) como memorial da história da salvação e o reconhecimento da obra do Espírito Santo comunicando vida a esse memorial; 2) como comunhão de Cristo com a Igreja e entre seus membros; 3) como revelação dos limites e do carácter completo da Igreja; 4) como o lugar e o momento em que o dom da graça de Deus e a gratidão humana se unem; 5) como o centro em que se encontram a oração e o seu cumprimento; 6) como o cerne da mensagem da Igreja ao mundo.

A comissão trabalhava oito até dez horas por dia, num espírito de grande fraterni-

dade, e compartilhava diariamente de três reuniões devocionais com a Comunidade das Irmãs de Grandchamp, confraria protestante que é uma réplica feminina à Comunidade dos Irmãos de Taizé.

Como é compreensível, surgiram discrepâncias na comissão, à medida que se procedia à discussão da matéria, porém foi por todos reconhecido que não se tratava de diferenças fundamentais. Causou surpresa a verificação de que **não mais tem realidade** a velha batalha entre reformados e católicos romanos quanto à Eucaristia considerada como sacrifício. Foi unânime rejeitada uma sugestão para que a comissão reconhecesse que nesse ponto jaz a nossa mais profunda diferença. Foi substituída pela seguinte declaração, representando o parecer geral:

«O acto eucarístico pode ser descrito em termos de sacrifício. Todos nós sustentamos que o sacrifício de Cristo é único e não pode ser repetido. Tal convicção diminui as oposições seculares acerca deste ponto, sem as suprimir totalmente. Em contra-partida dá-se ênfase ao facto de que a Igreja se oferece como um

sacrifício de louvor a Deus e de interesse pelo mundo».

Foi neste ponto que mais se destacou o novo espírito reinante entre teólogos romanos. Os três católicos presentes salientaram que muitos deles não mais reconhecem a «transubstanciação» como dogma, porém como uma maneira pela qual foi explicada a «real presença» de Cristo na Eucaristia.

Ainda por resolver está o problema de saber o que constitui um ministério válido, questão que está na base da dificuldade em reconhecer os sacramentos que torna até ao presente impossível a intercomunhão.

Foi objecto de detido estudo por parte da comissão um trabalho do Prof. Jean-Jaques von Allmen, na Universidade de Neuchatel, Suíça. Encerra, entre outras, as seguintes considerações:

«Conquanto nos é dada, pela instituição de Cristo, uma estrutura geral da Eucaristia, não há um rito fixo em todos os seus pormenores. Existe uma distinção entre a realidade eucarística e a teologia da Eucaristia. A Eucaristia não pode ser absorvida pelo conhecimento que temos dela; não constitui nossa possessão. Ela está sempre de novo impondo-se a nós. Pode ser a mesma sob diversas opiniões. A unidade sómente pode ser encontrada através da experiência daquilo que ocorre na celebração da Eucaristia.

Esperemos que os estudos e debates realizados na reunião de Grandchamp propiciem, entre as Igrejas que compõem o Conselho Mundial, um melhor entendimento acerca da Eucaristia, e que estes estudos sirvam de incentivo para a eliminação das barreiras que ainda as separam.»

(1) Do «Cristianismo» de S. Paulo — Janeiro 1966.

Notas e Comentários

(Continuação da pág. 3)

Deus, que ele se une a Cristo em comunhão perfeita com o Seu Sangue e com a Sua Carne, no sacrifício e na Sua morte redentora. O Vaticano II foi um movimento neste mesmo sentido renovador. Assim os homens o compreendam e o não destruam. Todos os que a ele assistiram, de diferentes denominações, são unânimes em afirmar que este concílio é um marco na história da Igreja. E outros marcos se seguirão certamente neste anseio do homem se aproximar da Verdade, da Luz, do Caminho que é Cristo, de estudar o Evangelho, de melhor conhecer a Igreja primitiva e os reais fundamentos da Igreja. Este constante esforço de aperfeiçoamento, de reforma e actualização constitui um factor constante da Igreja, o chamado «factor constante de Reforma» — «*Ecclesia reformata semper reformanda*», de Lutero.

Só trai a Reforma religiosa do século XVI quem se obstina a aceitar este princípio actual de renovação intrínseca.

Só trai a Reforma quem se amarra mais ao movimento histórico em si e aos seus homens do que ao significado extraordinário, dinâmico do seu presente histórico.

Só trai a Reforma quem trai a Cristo, preferindo a letra que mata ao espírito que vivifica, isto é, quem amando mais a doutrina sectária da sua particular interpretação, se esquece da universalidade do Evangelho.

E esta universalidade se traduz pelo valor comum no tempo e no espaço de todas as interpretações saídas da oração e da humildade de espírito.

Paulo Agostinho

Cónego AUGUSTO NOGUEIRA

(Continuação da pág. 4)

legada por aquele benemérito, o Cónego Nogueira, esteve à altura da herança que recebeu. A sua longa vida foi uma fonte de inspiração, não só para os paroquianos, mas também para as inúmeras gerações de alunos que passaram pelas Escolas do Torne, onde exerceu, o magistério durante 15 anos, e do Prado, de que foi director até ao fim da sua vida.

«Bem está servo bom e fiel... entra no gozo do teu Senhor» (S. Mateus 25.21)

Espírito de Vida e de Renovação

(Continuação da pág. 5)

vincular a Sua presença e obra redentora do Seu Espírito em nossos corações. É pelo Espírito Santo e em obediência ao Senhor da Igreja que os Sacramentos comunicam a *vida da graça*, a preservam e a renovam continuamente. Embora o Espírito Santo possa, tal como o vento, «soprar» de qualquer lado, e opere «como», «quando» e «onde» entenda, normalmente não prescinde dos Seus meios usuais.

No Catecismo Menor, do dr Martinho Lutero, em referência ao Baptismo, para exemplo, lê-se o seguinte: «Sem a Palavra de Deus, a água é simples água e não Baptismo, porque a água do Baptismo é água da vida, cheia de graça e um lavar de renascimento no Espírito Santo, como diz S. Paulo na carta a Tito, no capítulo terceiro».

É assim que para nós a água do Baptismo, pela acção do Espírito Santo, torna-se vital e vitalizante, que é o mesmo que dizer viva e vivificante. É por isso que o Evangelho declara: «Aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus» (João 3. 5). Não é sem finalidade que o Baptismo se encontra identificado, por um lado, com a morte; por outro, com a Ressurreição e com o Novo Nascimento (Rom. 6. 3-9; Tito 3. 5).

Se pelo Baptismo nascemos na Família de Deus, pela Eucaristia somos alimentados, em ordem ao nosso crescimento espiritual (*vida na graça, vida santificante*). É o Espírito Santo, Senhor e Doador da vida, quem actua através dos Sacramentos, unindo-nos a Cristo, para sustentar, preservar e renovar as nossas vidas cristãs.

Poderemos nós, sem pecado da nossa parte, privarmo-nos dos meios de graça que o próprio Deus põe ao nosso alcance, a fim de nos fortalecer na nossa peregrinação em demanda à Pátria dos Santos? Deus envia o Seu Espírito e assim renova a face da Terra! Ora Aquele que no nosso Baptismo começou a boa obra, a aperfeiçoe e renove até ao Dia do Senhor. Amen.

Saul de Sousa

O papel do leigo nas Igrejas Reformadas

(Continuação da pág. 7)

Sagradas Escrituras, a administrar os sacramentos, etc.. Nestes ramos o valor do binómio clérigo-leigo reduziu-se teoricamente a zero. Não mantêm pastores ordenados e a secularização é total. Para amenizar vou-vos contar uma história da minha infância passada com o ministro da minha igreja e um bom homem, membro de uma destas denominações extremistas que nos visitava às vezes.

Um dia, para o ouvir, o ministro, perguntou-lhe:

— Então como vai a sua igreja?

— Nós não temos igreja! foi a resposta imediata e resoluta deste simples e bondoso homem, pois à comunidade local chamam assembleia e ao edifício, casa de culto ou mesmo salão.

— Bem, bem, eu sei, replicou o ministro. Mas então como vai o seu pastor?

— Nós não temos pastor! Respondeu outra vez o bom homem, com a firmeza do fiel que ouve uma heresia.

S. Paulo porém nos diz. Tudo se faça com ordem e decência. O consenso da Igreja só poderá manifestar-se dentro duma disciplina que só uma hierarquia da Igreja poderá permitir, hierarquia que tem como autoridade suprema os Sínodos, os Colégios e onde clérigos e leigos estão representados. A administração dos Sacramentos, em si, o mistério da Igreja, só poderá aceitar-se num sentido particular do próprio mistério. Os clérigos continuarão a ser nas Igrejas Reformadas os escolhidos para administrar os Sacramentos, escolha sancionada pela hierarquia da Igreja que os consagra.

E clérigos e leigos compreenderão as suas funções e cooperarão num sentido único do alargamento do Reino de Deus.

Como disse no princípio, não temos nós, protestantes, a ideia de que possuímos presentemente a respeito do leigo uma concepção muito distinta da Igreja Católica Romana. Os aspectos doutrinários em muitos pontos se confundem agora e o diálogo com os nossos irmãos católico-romanos tornou-se possível num aproveitamento mútuo que para mim é já realidade comprovada.

Foi neste desejo que eu vos trouxe esta pequena exposição que, sem preocupações de exactidão teológica, só tem o mérito da franqueza e sinceridade com que foi feita.

Leopoldo Figueiredo

Hosana nas Alturas

D. Salomão Ferraz, O. S. A.

Cristo chega a Jerusalém.

Que misto de alegria e tristeza. A Sua glória vislumbrada pelos Seus leais seguidores, expressa até por lábios infantis, está em contraste com a virulência dos Seus opositores! A vida humana está cheia de tais contrastes. Abraão Lincoln, aclamado pelas suas vitórias e pela inatacável rectidão da sua vida, é assassinado por um fanático!

Almas tímidas ficam a pensar que não vale a pena acalentar altos ideais de fé, de paz, de amor e de unidade.

Quando o mundo moderno parecia fatalmente minado por antagonismos insanáveis, em política, em religião, em tudo mais, eis que surge, inesperadamente, a figura singular de um João XXIII, surpreendendo a Igreja Universal e as nações com as suas atitudes rectas, inflexíveis, destemidas.

Em face do Golias, possante e ameaçador, o jovem pastor, David, não suporta a armadura complicada, em uso no seu dia. Prefere a simples funda de arremesso e as pedras do riacho, com que alcançou a vitória espectacular, naquela hora crítica da vida de Israel.

Assim também, há pouco, foi desferido contra o secularismo truculento um golpe frontal e decisivo. Tal foi o ósculo fraternal entre o Santo Padre e o Primaz da Inglaterra, que foi recebido em Roma com todas as mostras de amor fraternal e mútua confiança.

Ambas as partes se uniram em nome de Cristo, para a — edificação da Igreja e a salvação dos povos.

«Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!»

A era dos gigantes vai passando, ou já passou, para dar lugar aos verdadeiros pastores, os reais condutores da vida da Igreja, da pátria e das nações. Aleluia!

BOLETIM DA S. OE. P. I.

O boletim do Service Oecuménique de Presse et Information, de Genebra, publicou um resumo da mensagem episcopal «Perigos do Ecumenismo» publicada no último número deste jornal.

Mensagem de Pentecostes

Dos Presidentes do Conselho Mundial das Igrejas

Como Presidentes do Conselho Mundial das Igrejas é nosso privilégio uma vez mais, proclamar a Mensagem do Pentecostes e, especialmente, fazer ecoar a nota de segurança que nela predomina, de que Deus está connosco como «auxílio bem presente na angústia». Desejaríamos aprender de novo o sentido contido na palavra «Consolador» versão tradicional do termo «Paráclito». De facto, o Espírito Santo, *veio*, no passado, *ainda vem*, no presente, e *virá*, no futuro, para nosso socorro e salvação.

Chamamos a vossa atenção para o que Nosso Senhor afirmou ao antecipar essa dádiva de Deus—O ESPÍRITO SANTO. No mundo tenebroso dos Seus dias, quando pairavam densas sombras sobre a Sua própria vida, Ele disse aos Seus discípulos: «O Consolador que o Pai enviará em Meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas e vos lembrará tudo quanto vos tenho dito» (João 14. 26). O Pentecostes confirma a realidade histórica da nossa fé. Não obstante o que os homens façam ou deixem de fazer, nunca poderão alterar o facto de que o nosso mundo foi cenário dos poderosos actos redentores de Deus, e de que Ele manifestou numa vida humana, a plenitude da Sua graça e glória.

Uma vez que entrou no nosso mundo e na nossa vida, Deus jamais nos abandonará. Na vida diária, no nosso testemunho e actividade, Deus é o nosso auxiliador, por meio da presença e acção contínua do Espírito Santo. Quando reflectimos na nossa vocação comum de trabalhar para a unidade da Igreja e de toda a Humanidade, e também a favor da justiça económica e social e pela paz do Mundo, avaliamos a grandeza da tarefa com que somos confrontados e tornamo-nos conscientes da nossa insuficiência. É em tal situação que a mensagem do Pentecostes ressoa com a maior clareza e relevância. Não fomos nós que escolhemos estas tarefas; fomos escolhidos para elas. O motivo por que estamos empenhados nelas em tudo, é por que Deus nos chamou pelo Espírito Santo para

nos encarregarmos delas, e, por esse mesmo Espírito, despertou em nós a resposta da obediência.

É o Espírito Santo que está sempre a socorrer-nos em nossas deficiências, aperfeiçoando o Seu poder em nossas fraquezas. O Pentecostes com a sua mensagem do ESPÍRITO SANTO, O NOSSO AUXILIADOR, tem para nós aqui e agora, a ressonância dum grande «Sursum corda»—ELEVAI OS VOSSOS CORAÇÕES.

O Pentecostes não constitui apenas uma segurança acerca do passado e do presente, mas também a respeito do futuro; disse o Senhor «Quando o Espírito Santo vier... Ele declarar-vos-á as coisas que estão para vir» (S. João 16. 13). A verdade acerca do futuro, o futuro do nosso mundo, o futuro de cada um de nós, está na mente do Espírito. O poder para tomar posse do futuro em nome de Jesus, o Cristo, é dom do mesmo Espírito, d'Ele somente.

Rogamos a Deus, o nosso auxiliador, que as Igrejas e o povo Cristão em todos os lugares, recebam nova coragem e confiança, de modo a encontrarem n'Ele a fonte da única esperança permanente.

Os Presidentes do Conselho Mundial das Igrejas

Arcebispo Miguel de Cantuária
Arcebispo Iacovos
Sir Francis Ibiham
Pr David G. Moses
Pr M. Niemöller
J. H. Oldham
Charles Parlin

O Pentecostes e a folha impressa

(Continuação das págs. centrais)

O professor paulista fala depois do malogro de muitas dessas tentativas, no meio cultural; e a nossa experiência o acompanha, quanto ao nosso próprio problema. Assiste-se agora entre nós a um surto de publicidade, ainda com feição particularmente missionária, pois não se procuram manifestações do pensamento nacional reformado. É a tradução, por vezes cuidada, que vemos divulgar-se. Competiria à Reforma Protocatólica provocar produções de pensamento nacional, a par das do melhor pensamento estrangeiro. A água do Evangelho é toda uma, quando não inquinada; todavia pode ser que os Portugueses a bebam melhor em

MENSAGEM EPISCOPAL

Evangelização em Profundidade

(Continuação da 1.ª pág.)

esta descristianização, se assim lhe quisermos chamar, é reconhecida por todos nós nos nossos contactos diários.

A multidão de portugueses à margem do Cristianismo, uns, confundindo-o com certa vaga religiosidade supersticiosa, afastados da prática dos Sacramentos; outros abertamente irreligiosos, identificando a religião cristã com certo tipo de orientação eclesiástica; esta multidão deve constituir para todos nós, cristãos, um peso opressivo, uma obsessão polarizadora, um apelo perturbante, que nos levem a repetir do coração as palavras de S. Paulo: «Ai de mim se não evangelizar!».

Como seremos capazes porém de evangelizar, se o Evangelho de perdão e de humildade ainda não tomou talvez verdadeira posse de nós? Como poderemos levar outros a Cristo se não estamos de facto comprometidos com Cristo e com as exigências do Seu Reino? Como conseguiremos conversões se nós próprios não estamos completamente convertidos? Como pode um cego guiar outro cego?

+ Luís, Bispo

vaso de seu agrado, «cucharro» ou «pucarinho de Estremoz»...

A nossa Igreja pouco tem feito, decerto por mais não poder fazer. Falta gente e faltam meios. A «Ecclesia», seu órgão, morreu em silêncio; e «O Despertar», como já o afirmou, tem-se sentido periclitante. As tiragens dos pequenos órgãos e boletins, que ainda vivem em alguns dos grupos cristãos evangélicos, são certamente inferiores às desejadas pelos seus corajosos sustentáculos.

Convidemos os leitores a pensarem no momentoso problema e a buscar-lhe solução.

Eduardo Moreira

PELA IGREJA

(Continuação da pág. seguinte)

Liga de Esforço Cristão

A Liga de Esforço Cristão do Torne comemorou o seu 63.º aniversário com celebrações nos dias 7, 8 e 9. Do programa constou, Estudo Bíblico dirigido pelo rev. Venâncio de Oliveira, jantar de confraternização, Culto de Acção de Graças e Sermão presidido pelo rev.º Bispo D. António Fiador, Presidente Honorário da Liga. Nesta sessão destacaram-se, a jovem Fernanda Perpétua, que pronunciou uma palestra sobre o tema «Como eu vejo o



O Deão, o Bispo e o dr José Luís Rodrigues, no adro da Catedral

Esforço Cristão», e um grupo de outros 12 jovens que executaram a representação «O Relógio e a Oração».

Falecimento

Adormeceu em Cristo o sr António Pinto de Almeida, consagrado e fiel membro desta congregação. No funeral, oficiou o Pároco.

Festa das Mães

Realizou-se no 2.º domingo de Maio, após o Ofício Matutino. O Pároco explicou a origem da Festa das Mães e foi distribuída a estampa editada pela U. E. D. N. O. P.

Paróquia do Salvador do Mundo Prado — Vila Nova de Gaia

Semana Santa

Realizou-se nesta Paróquia, desde Domingo de Ramos até ao da Páscoa, uma série de cultos especiais e de conferências

referentes à estação litúrgica da época, ou seja, à Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor e ainda à instituição do Sacramento da Sagrada Comunhão, que foi solene mente comemorada. Na tarde de sexta-feira santa houve uma hora de meditação sobre os seis milagres da Cruz e uma reunião de jovens onde se aprofundaram os temas apresentados na semana.

Aniversário da dedicação do Templo

No passado dia 12 de Maio, celebrou-se o Culto de Acção de Graças pela passagem do 65.º aniversário da dedicação do templo paroquial ao Culto Divino. Assistiu grande congregação.

Festa das Mães

Realizou-se no 2.º domingo de Maio e compôs-se de recitação, cânticos, alocução, passagem de um filme alegre e distribuição de doces a todas as crianças presentes, seguida da entrega, às mães, da flor e da estampa alusiva ao dia.

Festa da Ascensão

Como já é hábito antigo nesta Paróquia, revestiu-se de grande luzimento a celebração da Santa Eucaristia realizada neste dia.

Paróquia do Bom Pastor Candêl — Vila Nova de Gaia

Pregadores

Na quarta, quinta e sexta-feira santas pregou pela primeira vez a esta congregação o rev. dr Estanislau Langner, que recentemente ingressou na Comunhão da nossa Igreja.

Têm cooperado nesta Paróquia o pregador licenciado, sr Fernando Soares, da Paróquia de S. João Evangelista, e o leitor João Esteves, da Paróquia do Salvador do Mundo.

Visita Episcopal

O senhor Bispo Diocesano visitou esta Paróquia no dia 13 de Abril. A sua mensagem foi muito apreciada.

António Barros

Encontra-se, graças a Deus, restabelecido duma intervenção cirúrgica este nosso irmão, Representante Secular da Paróquia e membro da Comissão Permanente do Sínodo.

Paróquia de Cristo Rei

Luanda

Visita Episcopal

Querendo Deus, o senhor D. Luís Peireira partirá no fim deste mês para Angola, para a sua primeira visita a esta paróquia. Ministrará a Confirmação, instituirá leitores e estabelecerá diversos contactos ecuménicos.

Paróquia de S. Pedro Lisbo

Rededicação do Templo

Depois das obras a que esteve sujeita, conforme anteriormente noticiámos, abriu de novo ao Culto Divino esta igreja. O serviço de rededicação realizou-se sob a presidência do senhor D. Luís, Bispo Diocesano da Igreja Lusitana, no Domingo da Santíssima Trindade, dia 5 de Junho. Após a cerimónia da Rededicação, o nosso Bispo administrou o Baptismo a uma pessoa adulta e também a Confirmação a um grupo de neófitos. Na Santa Eucaristia concelebraram com o seu bispo os presbíteros presentes. Assistiram a este Culto solene além de membros da Igreja Lusitana, membros e ministros de outras Igrejas, nomeadamente da Igreja Presbiteriana.

Conferências especiais

No desejo de evangelizar outros que têm vivido afastados da vida cristã, realizou o rev.º bispo, de 6 a 10 de Junho, uma série de Conferências subordinadas ao Tema geral: «As perguntas de sempre».

O Despertar fazendo eco de todos os membros da Igreja Lusitana, felicita a Paróquia de S. Pedro pelo seu templo tão acolhedor, desejando que todo o esforço dispendido redunde em maior glória de Deus.

Paróquia de S. Mateus

Vila Franca de Xira

Festa dos Trabalhadores

No Domingo de Rogações, dia 15 de Maio, pelas 21.15, realizou-se a *Festa dos Trabalhadores*, presidida pelo rev.º Bispo da Igreja Lusitana, D. Luís Rodrigues Pereira, que, após o Ofício e Ladainha próprios do dia, proferiu o Sermão.

Festa das Mães

No quarto domingo de Maio, dia 22, celebrou-se a tradicional Festa das Mães. A festividade começou às 11 horas, com a celebração da Santa Eucaristia, cuja intenção especial foi dar graças a Deus pelas mães e rogar para todas a bênção divina. À noite, às 21.15, pregou o Secretário da União Bíblica em Portugal, sr Abel Rodrigues. Em nome da Congregação foram oferecidos pelo representante secular sr Joaquim da Silva Ribeiro, a três mães presentes (à mãe mais idosa, à mais nova e à que tinha mais filhos) uma pequena lembrança.

Festa das Mães

Missão de S. Tomé — Casteleira do Ribatejo

Na quinta-feira seguinte, dia 25, celebrou esta Congregação a Festa das Mães, havendo também, tal como acontecera em S. Mateus, três mães sido contempladas com uma pequena lembrança.

O DESPERTAR

No princípio deste ano a direcção de «O Despertar» fez um apelo bastante persuasivo sobre as dificuldades deste boletim. Não foi feito em vão. Alguns dos nossos Amigos responderam-nos com um coração aberto, generoso e compreensivo. Esperemos que outros Amigos nos possam auxiliar com a mesma boa vontade.

Dr Ernesto Moreira	500\$00
Sr Joaquim de Pina Cabral	100\$00
L. H. S.	50\$00
D. Lucília Banheiro	5\$00
D. Raquel Baudouin	10\$00
António Afonso — Luanda	100\$00
Total . . .	765\$00

Notícias de Espanha

Em Memória do Bispo Cabrera

No dia 18 de Maio celebrou-se em Madrid, na Catedral do Redentor, da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, um culto memorial do primeiro bispo desta Igreja rev.^{mo} senhor D. João Cabrera, falecido precisamente, nesse dia, há cinquenta anos. Recorde-se que o bispo Cabrera foi o primeiro bispo duma igreja católica reformada na Península Ibérica, a ser sagrado e que várias vezes nos visitou para exercer o seu ministério episcopal. No dia seguinte, quinta-feira de Ascensão, houve perante o túmulo deste prelado um officio litúrgico.

Ordenação Secerdotal

No dia 19 de Maio, Festa da Ascensão, foi ordenado presbítero o diácono rev. António Andrés, que pastoreia a Igreja de Salamanca e que aí tem estabelecido interessantes contactos ecuménicos. Pregou o deão da catedral rev. Ramon Taibo sobre o texto «Cumpra o teu ministério» (2.º Timóteo 4. 5).

«La Luz»

«La Luz» é o órgão da Igreja Espanhola Reformada Episcopal; publicara-se de 1868 a 1919 e reapareceu em Janeiro deste ano com artigos e noticiário de grande interesse. No seu último número transcreve-se o artigo «Perigos do Ecumenismo» da autoria do nosso bispo e publicado nos números 55-56 deste jornal, o que muito nos desvanece.

Notícias de Portugal

Visitantes Ilustres

Passaram pelo nosso país os rev.^{mos} srs. D. Plínio Simões, Bispo da Diocese Sul-Occidental da Igreja Episcopal do Brasil e D. Egmont Kruschke, Bispo Primaz da mesma Igreja. Estes dois prelados encontram-se ligados à história da nossa Igreja pois foram os sagrantes, respectivamente do senhor D. António Fiandor e do actual Bispo Diocesano. Ambos pregaram na Catedral de S. Paulo havendo ainda o rev.^{mo} Kruschke visitado a Igreja de S. Mateus, em Vila Franca de Xira, onde igualmente pregou.

União Portuguesa de Esforço Cristão

Esta entidade vai adquirir, perto de Espinho, um terreno que servirá para campo de campismo e onde se construirão instalações para casa de férias, centro de estudos e de conferências, local de retiros e outras actividades.

Notícias Paroquiais

Paróquia da Catedral de São Paulo Lisboa

Homenagem ao Deão

Aproveitando o dia do seu aniversário natalício e a proximidade do 1.º aniversário da sua instituição, resolveu a congregação da Catedral prestar homenagem ao seu deão, com uma festa sob o patrocínio da Junta Paroquial e do Coadjutor. Pela Sociedade de Senhoras foi servido um chá no Salão Social. Falaram em nome da Congregação o dr Leopoldo de Figueiredo, membro da Junta e Representante Secu-

lar ao Sínodo, e o rev. Nelson Horta, que entregaram dois livros ao homenageado. O deão agradeceu a todos a Festa-Surpresa, como expressão do carinho com que o distingue. No final houve um programa de canções nas vozes do dr José Luís Rodrigues e de sua esposa.

Centro Comunitário de Estudos

Com o fim de animar os cultos de quinta-feira e de pôr os paroquianos a pensar e a discutir assuntos relacionados com a Igreja, resolveu o deão iniciar uns estudos de carácter geral, ao alcance de todos, em que há oportunidade de se porem dúvidas e procurarem esclarecimentos. A iniciativa foi recebida com muito agrado. Foram já apresentados os seguintes temas, inteiramente documentados nas passagens da Escritura Sagrada que a eles se referem: O Reino de Satanás, o Poder do Espírito Santo, o Baptismo e a Eucaristia.

Assistência aos Cultos

Todas as paróquias têm os seus altos e baixos. Esta parece estar agora a subir em interesse pelos cultos, do que damos muitas graças a Deus. Embora não nos impressionemos demasiado com números, sentimos que eles traduzem, a linguagem espiritual do interesse da congregação pela vida comunitária.

Nos últimos 8 meses foram admitidos 17 novos membros comungantes, 13 dos quais confirmados na nossa Igreja e os outros 4 na Igreja Católica Romana.

futura Sociedade iniciar-se-ão em Outubro próximo, se Deus quiser e para seu Presidente foi nomeado o sr Horácio Nunes dos Reis.

Capítulo

«Capítulo» é o novo boletim desta Paróquia. De atraente aspecto gráfico, contém o seu primeiro número uma mensagem pastoral do deão, de conforto e exortação a todos os paroquianos, noticiário diverso, em parte acima transcrito, e um indicativo dos cultos para os meses de Junho e Julho. «O Despertar» deseja-lhe longa vida e pleno cumprimento da sua missão.

Paróquia do Redentor

Porto

Visita Episcopal

Sua Excelência Reverendíssima o senhor D. Luís Pereira visitou esta Congregação no passado Domingo de Ramos para confirmar 7 novos membros. Recebido cordialmente pelo Pároco e fiéis a sua mensagem foi muito apreciada.

Missão de Santo Estêvão

No domingo 22 de Maio, realizou-se um culto de Acção Graças por diversos melhoramentos feitos nesta Missão. Pregou o rev. Arcipreste dr Daniel de Pina Cabral e o coro da igreja executou alguns cânticos.

Cesamento

Uniram-se em Santo Matrimónio, a organista desta congregação D. Noémia Moreira e o sr Armando Gonçalves. Que Deus os abençoe.

Paróquia de S. João Evangelista

Vila Nova de Gaia

Celebrações da Semana Santa

O rev. Saul de Sousa, pároco de São Mateus, em Vila Franca de Xira, pregou nos officios da segunda, terça e quinta-feira. Em quinta-feira maior e na sexta-feira de Paixão os sermões estiveram a cargo do pároco. Na sexta-feira santa celebrou-se o officio da Paixão de Nosso Senhor com leitura dialogada da Paixão segundo São João. Todos os cultos tiveram grande assistência.

Instituto Bíblico

Em quinta-feira santa e na manhã de sexta-feira de Paixão realizou-se nesta igreja um Instituto de Educação Cristã que se iniciou às 8 horas da manhã de quinta-feira com a celebração da Santa Eucaristia. Tomaram parte grande número de jovens tanto desta paróquia como da do Salvador do Mundo (Prado).

Visites Episcopais

O nosso bispo visitou esta congregação no Domingo de Ramos ministrando a Confirmação a 16 novos membros. O senhor D. Luís Pereira voltou a esta paróquia no dia 1 de Maio.

Arcipreste

O Arcipreste do Norte, rev. dr Daniel de Pina Cabral visitou a paróquia no dia 22 de Maio pregando edificante sermão.

(Continua na pág. anterior)

PELA IGREJA

Sociedade de Senhoras

Em officio público, foi empossada pelo deão a nova Presidente da Sociedade de Senhoras da Catedral, D. Inês Correia dos Santos, a quem «O Despertar» deseja as maiores bênçãos para o cargo que agora ocupa e que tão nobres tradições já tem.

Coro da Catedral

Está em organização um coro permanente da Catedral — cuja falta muito se fazia sentir — sob a orientação dos dres Leopoldo de Figueiredo e José Luís Rodrigues, e da organista D. Isabel Freire Messias.

Fraternal do Grupo 53

Está em formação a Fraternal dos Antigos Escoteiros do Grupo 53, que terá a sua sede na do Grupo, que actualmente se encontra suspenso. Estamos certos de que este será mais um movimento paroquial, capaz de trazer, pelo menos ao contacto com a Igreja, muitos antigos escoteiros que se afastaram da sua comunhão.

Sociedade de Homens

Nesta paróquia está igualmente em organização um agrupamento social dos seus homens, que funcionará na mais estreita e possível colaboração com a sua paralela Sociedade de Senhoras. As actividades da